



Aristides Fraga Lima

PERIGOS NO MAR



Serie Vaga-Lume

ea

editora ática

Este livro apresenta o mesmo texto das edições anteriores

Perigos no mar

© Aristides Fraga Lima, 1985

Editor	Fernando Paixão
Assistente editorial	Marta de Mello e Souza
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE	
Editor	Antônio do Amaral Rocha
Layout de capa	Ary de Almeida Normanha
Ilustrações de capa e miolo	Adelfo Suzuki
Diagramação	Elaine Regina de Oliveira
Arte-final	René Etienne Ardanuy

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L696p

6.ed.

Lima, Aristides Fraga, 1923-

Perigos no mar / Aristides Fraga Lima; ilustrações Adelfo Suzuki

- 6.ed. - São Paulo : Ática, 1997.

112p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-00479-9

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Suzuki, Adelfo. II. Título.

III. Série.

10-5226.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 00479-9 (aluno)

CL: 733166

CAE: 230536

2017

6ª edição

16ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O MAR: MARAVILHAS E PERIGOS



Quem é que não gosta de um bom passeio de barco pelo mar? Além das espetaculares histórias dos velhos marinheiros, sempre há uma cena fascinante para nos encantar. Já pensou, por exemplo, ver uma baleia de perto e ainda por cima amamentando um filhote? Ou presenciar uma pescaria de rede, em que se capturam peixes e as mais variadas criaturas marítimas?

Para Márcio, Lino e Bete, aquele dia começou assim, com um tranquilo passeio pelo litoral baiano na escuna da família. Mas as coisas não continuariam tão calmas. Colhidos por uma repentina tempestade, os meninos acabam sozinhos e completamente perdidos num bote salva-vidas...

Acompanhe esta aventura emocionante em que três garotos vão precisar de toda a sua coragem para enfrentar os perigos do mar.

Aristides Fraga Lima

“Um dia vou ser escritor”. Esta frase foi dita por Aristides Fraga Lima a seus pais, quando o menino tinha cinco anos. O sonho se tornou realidade. Nascido em Paripiranga (BA), em 1923, Aristides passou a infância no interior da Bahia e Sergipe, em contato com a natureza, que o fascinava. Formado em Letras Neolatinas e em Ciências Jurídicas Sociais, foi professor de línguas. Outro livro publicado por ele também na Série Vaga-Lume é **Os pequenos jangadeiros**. Faleceu em 1996.

ÍNDICE

1 — A escuna e o Netuno	7
2 — Um passeio que se transforma	10
3 — A pescaria	17
4 — A tempestade.....	26
5 — A montanha de água	30
6 — A correnteza	34
7 — A tábua de salvação	37
8 — No mar	43
9 — A chuva	50
10 — Um dia de descanso	56
11 — Velejando para o norte	61
12 — Areia movediça	67
13 — Junto ao manguê	73
14 — Provisão	77
15 — Voltando ao mar	81
16 — Do alto do morro	84
17 — Sinal	87
18 — O clarão	91
19 — Prisioneiros.....	93
20 — Encontro com a civilização	100
21 — Em casa do Prefeito	105
22 — Epílogo	109

A meus filhos, minha maior riqueza:
Marta,
José Marcos,
Maria Tereza,
Aristides e
Mônica.

1

A escuna e o Netuno

— Estou preocupada, Marcelino. Eles não chegaram até agora . . .

— Não há motivo, Rosinha. Eles levaram o que comer na excursão?

— Levaram, sim: sanduíches e refrigerantes.

— E então? Não devemos preocupar-nos; eles estão passeando à vontade.

Deste modo encerrou-se o diálogo entre os dois. Eram os pais de Márcio, Lino e Bete, que tinham saído em um pequeno barco — escaler de escuna — a passeio pela Baía de Todos-os-Santos. O homem pegou o jornal e dispôs-se a lê-lo; a mulher dirigiu-se para o interior da casa e foi cuidar de seus afazeres.

O Sr. Marcelino apanhou uma cadeira e colocou-a na calçada, em frente à casa, sob a sombra acolhedora de um enorme pé de oiti. Dali, lendo o seu jornal, ele observaria atentamente o mar e veria com facilidade a chegada do escaler.

Não demorou muito e ele se levantou para confirmar o que supunha. E da janela gritou para dentro:

— Rosinha! Eles já vêm chegando! . . .

— Graças a Deus! — respondeu a esposa, correndo do interior da casa até a porta.

Sorriram ambos, satisfeitos. E, abraçados, dirigiram-se até a praia para receber os filhos.

O bote chegou a encostar na escuna. Dentro dele pulou o marinheiro Bruno, que os acompanhou, para levar de volta o escaler para a escuna.

Saltaram os três meninos na água rasa e correram a abraçar os pais, a alegria estampada nos rostinhos juvenis.

— Márcio — falou a mãe ao filho mais velho —, vocês demoraram demais . . . que foi isto?

— Ora, Mamãe — respondeu Bete, abraçada ao pai. — Nós fomos até Itaparica, não pudemos vir mais cedo . . .

Os sorrisos e beijos trocados entre pais e filhos puseram fim às apreensões, e todos se dirigiram para casa.

Voltando a vista para o mar tranquilo do Porto dos Tainheiros, como é chamada aquela praia, o Sr. Marcelino viu que Bruno já acabava de içar o escaler para o seu lugar, a bombordo da escuna.

Entraram em casa.

O Sr. Marcelino era engenheiro aposentado. Trabalhara a vida toda em uma grande empresa e, por causa desse emprego sólido, conseguira somar dinheiro para comprar a escuna, sonho acalentado durante anos. A embarcação era o divertimento da família.

Nas horas vagas, além de navegar, o engenheiro tinha o hábito de ler. Dedicava-se a leituras variadas; era um homem bem-informado. Por esta razão, o Sr. Marcelino era chamado de Professor.

Márcio, o filho mais velho, de dezesseis anos, cursava o segundo ano colegial; Lino, como era chamado o segundo filho, de treze anos, Marcelino Filho, cursava a oitava série; Bete (Elisabeth), a caçula, estava na sexta série. Com seus onze anos de idade, Bete era a mais viva dos três; corajosa, tinha a cabecinha cheia de ideias e ávida de aventuras. Dona Rosa, mãe coruja, trabalhava na secretaria de um colégio.

Equipada com todo o necessário para passar dias no mar, a escuna era para eles um segundo lar, uma verdadeira casa flutuante: sala, três quartos, cozinha, banheiro e uma despensa com frigorífico. Um motor possante, de centro, a óleo diesel, equipado com gerador, punha a embarcação em movimento e dava-lhe a luz elétrica para a noite. Caso falhasse o motor, a escuna dispunha de velas que lhe asseguravam a continuação da viagem, sem a menor preocupação.

Na parte superior, um convés, entre os dois mastros, era a grande sala de estar para jogos, conversas e diversões. Aos lados do convés, a estibordo e a bombordo, dois escaleres, os salva-vidas, suspensos de seus suportes. Do bico da proa à curva da popa media a escuna vinte e cinco metros. Faziam parte, ainda, do equipamento, um rádio e uma bússola.

Aos sábados e domingos, os meninos passavam praticamente o dia todo na escuna ou no escaler de bombordo, que consideravam propriedade sua. Era para eles o seu navio, a que puseram o nome de Netuno, escrevendo este nome por fora do escaler, junto à proa.

Netuno era uma miniatura da escuna, equipado também com tudo de que pudessem seus tripulantes necessitar em passeio de um dia: água potável, comida, duas painéis de alumínio, fósforos, sal, anzóis, faca, facão e até uma bússola portátil. Acostumaram-se de tal modo a viver e brincar no Netuno, que, mesmo em viagem, eles permaneciam mais tempo no escalor que nas dependências da escuna.

Já conheciam todas as cidades e lugarejos ribeirinhos da Baía de Todos-os-Santos: Itaparica, Mar-Grande, ilha dos Frades, ilha dos Gatos, Cações, Ponta de Areia, Ponta de Nossa Senhora . . . Todos são lugares onde eles já aportaram seu Netuno, fazendo muitas vezes algum piquenique ou tomando banho de mar.

Faziam parte, ainda, do equipamento do Netuno, três boias de câmaras de ar de automóvel, que serviriam de salva-vidas, em caso de perigo, e frequentemente eram utilizadas nos banhos de mar.

Um pequeno mastro dianteiro, munido de pequena vela, e dois remos eram os “motores” do Netuno. Uma lona impermeável cobria tudo e servia de abrigo aos tripulantes, defendendo-os da chuva ou dos ardores do sol.

É quase incrível que os meninos pudessem acomodar tudo isso dentro daquele pequeno barco e ainda sobrasse espaço para os três se deitarem e dormirem. Mas assim era. E eles nada perdiam, pois cada coisa tinha o seu lugar, onde era amarrada para não cair no mar e desaparecer.

O gosto pela aventura no mar, que herdaram do pai, aliado às lições de marinhagem, que aprenderam dele, do marinheiro Bruno e dos pescadores, atraía os três irmãos aos perigos do mar que eles enfrentavam com naturalidade e destemor admirável em tão pouca idade. Márcio podia gabar-se de ser já um marinheiro, afeito às dificuldades e riscos da arte de navegar; Lino era um aprendiz bem adiantado; e Bete era de um sangue-frio que causava admiração aos próprios irmãos. Deste modo, os três se entendiam bem.

2

Um passeio que se transforma

Era uma quinta-feira. Os irmãos Prado, como eram conhecidos no colégio, Márcio, Lino e Bete, haviam convidado colegas em número de vinte a vinte e cinco, para no sábado darem um passeio na escuna do pai.

Aceito o convite com o maior entusiasmo, combinado tudo com os pais, todos aguardavam ansiosos o dia da excursão. O tempo, porém, se encarregou de mudar tudo. Na sexta-feira à tarde o céu começou a ficar nublado, o que, aliás, em Salvador, por “mera” coincidência com o fim de semana, é fenômeno frequente. À noite já choveu, prometendo um sábado de chuva. E foi o que aconteceu.

— Em vez do passeio com os colegas de vocês, que certamente não virão cá, vamos fazer uma pescaria, nós? — perguntou o pai aos filhos.

— Vamos, pai! — respondeu Bete, entusiasmada com a ideia.

— Não será perigoso? — objetou a mãe. — Assim num dia de chuva . . .

— Não iremos longe, Rosinha — respondeu o pai. — É só para não perdermos os preparativos que já fizemos. Os meninos estão dispostos . . . Você pode ficar, se quiser. Sua mãe está aí . . . não convém você sair. Não se preocupe, que nós nos arranjaremos.

— Está bem, eu fico. E vocês, divirtam-se.

Eram já oito horas, e os convidados dos meninos, seus colegas de escola, não tinham chegado — sinal de que realmente haviam desistido do passeio porque chovia. Resolveram, portanto, ir à pescaria.

Avisados os pescadores e o cozinheiro, todos se encontraram na praia do Porto dos Tainheiros, donde o marinheiro Bruno os levou para a escuna, em duas viagens, no escaler de estibordo, pois o outro, o Netuno, estava cheio de coisas, inclusive comida e água, que os meninos lá puseram.

— Está tudo em ordem, Bruno? — perguntou o Sr. Marcelino.

— Tudo, patrão; no meu setor, tudo pronto.

— E da parte de vocês? — perguntou aos pescadores.
— Tá tudo preparado — respondeu um deles.
— Isca e anzóis? — quis saber, ainda, o Professor.
— Camarões em quantidade — respondeu o outro pescador.

— Quanto à despensa e à cozinha, eu próprio já verifiquei com o Gama — concluiu o Sr. Marcelino. E, voltando-se para o marinheiro, ordenou:

— Bruno, vamos embora.

O marinheiro virou o potente motor a diesel e começou a esquentá-lo. Em instantes levantou a âncora e pôs o barco em movimento através da Baía de Todos-os-Santos.

O vento começou a soprar; o Sol apareceu forte e brilhante; as nuvens no céu começaram a ser levadas pelo vento por cima da ilha de Itaparica, e se desfez o aspecto de dia chuvoso que a atmosfera aparentava.

Sentados no convés, Márcio e Lino conversavam com os dois pescadores.

Na cabine de comando, o Sr. Marcelino e Bruno palestravam; Bete, interessada mais na manobra do barco que na conversa que ouvia, não desviava os olhos das mãos do marinheiro senão para ver, no mar, como o barco obedecia ao comando de Bruno. A certa altura, afastou as mãos do timoneiro e segurou firme o timão, guiando a escuna com tranquilidade.

— Pode deixar, Bruno — disse o pai. — Ela é assim mesmo. Acompanhe com atenção os movimentos que ela faz e deixe-a dirigir o barco . . .

— Eu sei guiar a escuna, meu pai. Pode deixar comigo, Bruno.

Após cerca de meia hora saíram da Baía e entraram no oceano.

— Podemos avançar um pouco mar adentro, Bruno — disse o Sr. Marcelino. — O dia está bonito, vamos pescar em pleno oceano, sem perigo algum.

Cansada já de estar de pé dirigindo a escuna, Bete passou o timão ao marinheiro e foi para onde estavam os irmãos, que continuavam a conversar com os dois pescadores. Era a primeira vez que ela participava de uma pescaria; por isso, tudo para ela era novidade, inclusive a presença daqueles dois